



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Educação dos Sentidos: A Mediação Tecnológica e os Efeitos da Estetização da Realidade¹

Prof. Dr. Belarmino Cesar Guimarães da Costa

Coordenador do Curso de Jornalismo da Unimep / Piracicaba

Resumo: O artigo enfatiza, com fundamentos na Teoria Crítica, que a mediação das tecnologias de comunicação à distância cria um ambiente favorável para formas de representação da realidade que propendem à espetacularização e à subversão da relação entre público e privado. A sensibilidade, nesse contexto das tecnologias híbridas, e diante de uma vertigem de informações que fluem por diferentes suportes, tende a se habituar com o choque das imagens com forte apelo emocional e tende a se acomodar com o grotesco, que se configura falsamente na condição de entretenimento ou de expressão cultural. Palavras-chave: educação dos sentidos, mediação tecnológica, estética, teoria crítica, tecnologia.

1. Introdução

Numa perspectiva que se antagoniza com formulações que tendem a transferir para a audiência a predileção pelo grotesco, como se nos índices de audiência fosse possível conferir legitimidade para a exploração que os meios de comunicação fazem em

¹ Trabalho apresentado no NP11 – Núcleo de Pesquisa Comunicação Educativa, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

relação ao que é escatológico, pretendemos deslocar a lógica de argumentação para identificar na comunicação mediada pela técnica as condições que tornam possível a espetacularização da realidade como uma condição naturalizada, consentida, desejada.

Trata-se, portanto, de refletir sobre a afirmação de um ambiente favorável à banalização cultural e à perda da capacidade do receptor perceber a heterodeterminação desse processo de sujeição a formas de barbárie simbólica. De forma menos simplificada, não se trata apenas de mera troca de canais ou de programação, para ajustar a liberdade de escolha ao esquematismo da indústria cultural.

Buscando inserir a Teoria Crítica nesse debate sobre a mediação da tecnologia e a formação estética que tolera como dimensão prazerosa o grotesco, num certo contraponto entre fluxo de informação e ausência de esclarecimento, esse artigo se estrutura da seguinte maneira:

Inicialmente enfoca a relação entre necessidade humana e controle societário, com a perspectiva de destacar que a neutralidade da tecnologia não se expressa apenas pelo seu uso social, como se fosse possível separá-la das condições materiais e ideológicas que respondem pelo seu aparecimento.

Depois expõe os efeitos da mediação tecnológica na sensibilidade, tendo como referência a estetização da realidade produzida pelos *mass media*. A adaptação que abranda o choque em relação ao grotesco é buscada na estrutura de repetição da indústria cultural, na vertigem de informações que circunscrevem a atenção para o transitório.

As referências epistemológicas para abordar essas questões se centram no pensamento da Escola de Frankfurt, particularmente em Adorno, Horkheimer e Benjamin, que temos pesquisado no núcleo de pesquisa Teoria Crítica e Educação, que funciona simultaneamente em três instituições: Unimep (Piracicaba), UFSCar (São Carlos) e Unesp (Araraquara). Ao completar 10 anos de existência, a abordagem temática desse grupo tem recaído em questões sobre tecnologia, formação cultural e educação. Como desdobramento associado a essa tradição de pesquisa, defendemos em



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

1999, na UNICAMP, a tese de doutoramento com o título “Estética da Violência, Jornalismo e Produção de Sentidos”, sob a orientação do prof. dr. Pedro Goergen, que identifica aspectos da racionalidade técnica na construção da notícia.

2. Tecnologia e Necessidades Humanas

Em *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985: 114) vão destacar que a subsunção da cultura em mercadorias reguladas pelas relações de troca no mercado está diretamente associada à capacidade que a indústria cultural tem de controlar as necessidades dos seus consumidores. Numa argumentação que remonta a Marx, exercer tutela sobre a definição do que é culturalmente necessário manifesta as possibilidades de reprodução das condições materiais e simbólicas, a partir da referência dos grupos que controlam os meios técnicos e seu uso social. Nesse sentido, na própria existência do aparato técnico já se materializa uma concepção de sociedade, de processo civilizatório, de ordenamento das necessidades humanas.

Se essa condição de controle das necessidades já estava posta pela referência do monopólio dos poucos centros de produção, da hierarquia das qualidades e da extensão da lógica do trabalho no momento de lazer, como destacam Horkheimer e Adorno para definirem o caráter sistêmico e totalitário da indústria cultural na primeira metade do século XX, as condições atuais se tornaram mais agudas com o aparecimento de tecnologias híbridas (conjugam imagem, som, movimento etc.) que podem manipular mais intensamente as sensações humanas, criando por exemplo formas de simulação e de representação da realidade.

Para efeito lógico dessa exposição, é preciso destacar que no controle das necessidades humanas, que se dá no contexto da desigualdade entre os homens, culturas e civilizações, as tecnologias vão incorporando objetivamente, e de forma administrada, a racionalidade instrumental presente na organização do trabalho e no modo de produção. A técnica não expressa apenas uma condição que permite ao homem, em sua

relação com a natureza e com a cultura, abstrair os meios de sua subsistência, mas também revela historicamente o projeto de sociedade e suas contradições.

Se essa formulação se sustenta, desmontam-se afirmações que busquem garantir o caráter progressivo da técnica, e que se baseiam na verificação de que novos aparatos permitem rupturas intensas na forma de conviver, de comunicar e de controle do homem sobre as forças naturais. Há uma certa coerência na exposição de Pierre Lévy (1994) quando deixa entrever as possibilidades de realização dos ideais humanistas com o aparecimento de *tecnologias da inteligência*, que criam um ambiente favorável para novas maneiras de pensar e de conviver, bem como para reconsiderar o sentido de democracia e de regulação social do conhecimento. Mas, a fragilidade da argumentação se manifesta quando se tenta ocultar o determinismo tecnológico e a compreensão dos aparatos em si mesmos, como se resultassem de um processo espontâneo de naturalização.

Contra essa concepção progressiva da técnica, muito associada a outras críticas em relação ao fracionamento do trabalho industrial e à fissura entre os saberes científicos compartimentados em especializações de áreas, conduz-nos a um certo distanciamento para verificar como a mediação dos aparatos técnicos pode criar uma contrafação do progresso e resultar em regressão dos sentidos e sujeição humana à uma realidade desumanizadora, que tem sido motivada a reproduzir Auschwitz. Para Adorno (1995: 119): não repetir a atrocidade dos campos de concentração torna-se o significado de qualquer debate acerca de metas educacionais.

Historicamente, a identificação das atrocidades tem recaído no abuso da coerção física, como forma de manutenção das estruturas de poder e de afirmação de governos autoritários e instituições autocráticas. Entretanto, as novas tecnologias de comunicação (mídia eletrônica e da informática), numa expressão ilustrativa de Ianni (1995: 106-107), configuram-se como intelectuais orgânicos da globalização. A figuração do príncipe de Maquiavel, dotado de *virtú* (talento moral e político) e de *fortuna* (capacidade de aproveitar as condições e possibilidades emergentes na vida política de uma cidade,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

reino, nação ou Estado), no dizer de Ianni representa a “invisibilidade” dessas novas formas de poder político.

Mesmo reconhecendo que no processo de apropriação das novas tecnologias pelas sociedades ocorrem movimentos de resistência e de contracultura, é inegável que a estrutura pouco dialógica dos suportes técnicos e a sua incorporação sistêmica pelos setores que exercem controle sobre sua funcionalidade, acabam sendo condições decisivas para a autopreservação das estruturas de poder. No dizer de Ianni (1995: 108): *É óbvio que há convergências e contradições, hiatos e divergências, na forma pela qual as corporações da mídia informam, interpretam, entretêm e distraem indivíduos e povos. Mas há sempre alguma influência, mais ou menos decisiva, no modo pelo qual a mídia registra, seleciona, interpreta e difunde o que vai pelo mundo.*

Numa outra faceta: a invisibilidade do controle que a indústria cultural exerce sobre nossa maneira de perceber e representar, já que ela tende a nos adaptar às suas interpretações pelo apelo da imagem e da repetição, se precisa ser considerada em relação ao conteúdo manifesto de suas mensagens, também cabe ser apreendida, para que se torne consciente, nas estruturas de seu funcionamento e na forma como as mercadorias simbólicas são produzidas e difundidas.

Em outras palavras, para que possamos retornar ao essencial: o grotesco não se localiza apenas na exposição de fatos, pessoas, circunstâncias anômalas e caricatas, como recurso para alavancar a audiência em determinados programas televisivos de apelo popular, mas deve ser identificado no formato e na incorporação da racionalidade técnica e científica que perpassa o mundo da produção material e as condições de reprodução simbólica. Muniz Sodré (1987: 32) destaca que o problema não se localiza no conteúdo específico dos meios de informação, mas sim na separação desse da práxis social e das formações ideológicas.

3. Estetização da Realidade: Adaptação ao Choque



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

De fato, como deixa entrever Walter Benjamin nos ensaios “A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica” e “Pequena História da Fotografia”, determinados inventos, como o de possibilitar fixar a imagem e reproduzi-la em escala que torna indistinta a relação entre originalidade e cópia, acabam influenciando de forma decisiva na faculdade de percepção e de inteligibilidade. A redefinição do sentido de memória e de representação, bem como a tensão entre exposição e permanência, depois da fotografia, com o cinema e a difusão da imagem na televisão, colocam questões que não se encaixam apenas na descrição do uso desses suportes técnicos. A mediação estabelecida diz respeito à intervenção modificadora que a técnica empreende no gosto, na faculdade de julgar, na redefinição do universo de criar a arte etc.

Quando Benjamin assinala que a fotografia é um invento revolucionário pelo fato de alterar a idéia de duração em relação à fixação da imagem e pela condição de revelar um certo *inconsciente ótico*, ou seja, a visibilidade em condições que ultrapassam os sentidos naturais, esse pensador relaciona a fotografia com atividades transcendentais ao mero fato de obter imagens que se assemelham a realidade. Benjamin está destacando o sentido filosófico dessa técnica capaz de provocar sensações que rompem sentidos de temporalidade e de noção de espaço. Trata-se de uma mediação técnica que permite condições que modificam o processo de comunicação, incluindo alterações no estatuto do pensamento e da imaginação.

Com a complexificação obtida com o aparecimento de tecnologias que se caracterizam pelo hibridismo dos suportes, que mesclam diferentes linguagens (hipertextualidade) e que tornam a tensão entre tempo, espaço e duração ainda mais agudizada, essa questão da mediação tecnológica como condicionante das estruturas de percepção e de racionalidade torna-se estratégica para observar determinados fenômenos da cultura de massa. Um deles se refere ao processo de estetização da realidade, compreendida nesse contexto como a percepção que o sujeito obtém da materialidade do mundo, das representações e linguagens construídas na interação com a tecnologia. A percepção humana decorrente dessa mediação não requer presencialidade e identificação

do sujeito no processo comunicativo, ainda mais pela separação entre produção e momento de recepção e alterações nas relações de temporalidade e de lugar.

A estetização da realidade pode ser compreendida também a partir de outro aspecto, qual seja: a tentativa dos meios de comunicação de massa em espetacularizarem fatos utilizando recursos de repetição, fragmentação e destaque para determinados ângulos da mensagem. A exemplificação de momentos de estetização da realidade fica evidente em propagandas e nos filmes nazifascistas, quando se propunha uma estética de embelezamento e de afirmação prazerosa de fatos que se revelaram trágicos para a humanidade. Esse componente ligado à estetização da realidade se aplica ainda em produções cinematográficas e televisivas que buscam mostrar o trágico numa perspectiva lúdica, que envolve erotização e exploração do *fait divers*.

De qualquer maneira, para perseguir um percurso de argumentação, a estetização da realidade abranda o choque em relação à percepção que a audiência tem dos acontecimentos narrados pelos *mass media* e que buscam explorar suas emoções e desejos. Em seguida, pretendemos trabalhar com essa representação mediada pela técnica, no sentido de adaptação do sujeito ao contexto da exploração do trágico em três passagens emblemáticas: 1. O choque abrandado em função na confusão estabelecida entre realidade e virtualidade; 2. A acomodação ao trágico decorrente da repetição e do recurso da velocidade; 3. O distanciamento do receptor em relação aos fatos, sua capacidade de interferir e de se localizar em meio aos fluxos intensos de informação.

3.1. Realidade e Virtualidade

Morin (1990: 36-37) assinala que uma das características do sistema industrial de cultura é a redução do hiato existente entre o setor da informação e o setor do romanesco, de tal forma que se torna confusa a passagem do real para a representação deste nas produções televisivas e cinematográficas. Diz o autor de *L'espirit du temps* que, no setor da informação cada vez mais é requerido o sensacionalismo, que se vale de



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

recursos da dramatização e do espetáculo, enquanto que no setor do romanesco o que é mais requerido é a busca da imagem mais fiel possível, como se fosse a realidade. Mais recentemente, Arbex (2001), autor de *Showrnalismo – A Notícia como Espetáculo*, vai ilustrar o apagamento entre o real e o fictício com referências no telejornalismo e na telenovela.

As imagens dos atentados terroristas em setembro de 2001, nos EUA, foram antecipadas razoavelmente pela memória de passagens do cinema, como em *Nova York Sitiada*, e a banalização das imagens pela repetição e a cobertura extensiva deixaram um rescaldo em que a tragédia foi absorvida por um imaginário coletivo que foi se adaptando ao regozijo com o espetáculo. Esta margem estreitada entre o real e o imaginário permite inclusive a racionalização da violência e sua administração como esfera para a produção de artefatos simbólicos.

Existe uma complexificação desse processo quando as novas tecnologias associadas à telemática, que abrangem o setor de produção, de serviços e de informação, remodelam o ambiente formativo em termos de percepção e de inteligência. Em especial, uma modalidade de conhecimento vai se configurando pela simulação do real, podendo modificar a relação de experiência e de sentido de temporalidade e contigüidade espacial. A interação mediada pela técnica coloca a possibilidade de novas experimentações, quase sempre ambivalentes na relação entre autonomia e heteronomia cultural, ainda mais quando relacionadas com as necessidades e desejos de consumo.

Diante de uma imagem violenta que aparenta ser real e em face à virtualidade do trágico que pode representar mera simulação computadorizada, não resta muito para imaginar que a comoção é meramente de passagem entre uma informação e outra, ainda mais pela condição fragmentada e descontínua da forma como as mensagens se estruturam nas novas tecnologias. Mais do que isso: essa espetacularização que arrefece o choque, numa perspectiva apontada por Debord (1997: 108), identifica essa organização social da *paralisia da história e da memória*. Está em questão a idéia de falseamento da consciência em relação ao tempo.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Numa outra perspectiva Quéau (1995: 97) vai tratar das novas formas de controle social associado às tecnologias virtuais:

O perigo mais aparente é de acreditar tanto nos simulacros que acaba por tomá-los por reais. Formas diversas de esquizofrenia ou de solipsismo poderiam sancionar um gosto demasiado pelas criaturas virtuais com as quais cada vez mais devemos conviver. A fuga do verdadeiro real e o refúgio num real de síntese vão sem dúvida permitir às nossas sociedades invadidas por um desemprego estrutural fornecer a milhões de ociosos forçados alucinações virtuais, drogas visuais capazes de ocupar espíritos e corpos, ao mesmo tempo em que se desenvolverão novos mercados mas também sem dúvida novas formas de controle social.

A colonização da consciência se dá para muitos pela dupla mutilação: da exclusão tecnológica que torna emblemática a inadaptação ao trabalho moderno e à convivência numa sociedade tecnológica; e o deslocamento para esferas menos tangíveis do aparelho psíquico do sujeito que se identifica e se projeta para personagens e circunstâncias que são trabalhadas pelos interesses do sistema industrial de cultura, que propende conceber cultura como uma esfera reduzida do entretenimento e da circulação de mercadorias simbólicas. O controle social, para retomar Marx, se dá pela via da definição das necessidades humanas, hoje cada vez menos autônomas.

3.2. Repetição e Velocidade



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Numa mesma perspectiva apontada pelo Coletivo NTC, no livro *Pensar Pulsar – Cultura Comunicacional, Tecnologias, Velocidade*, organizado pelo professor Ciro Marcondes Filho (1996), da ECA/USP, a repetição exaustivamente de uma mesma imagem, informação, impressão da realidade, em diferentes canais e meios vai constituindo uma superfície para assimilação de representações sígnicas modelares. A aparição de um mesmo fragmento, descontínuo e montado, como recortes de imagens e informações, na repetição adquire consistência restauradora da ordem.

A exposição continuada à violência sígnica, a passagem de uma informação a outra, como se torna possível com o uso do controle remoto na televisão, em meio a tanta oferta de mensagens, em seu conjunto, torna possível a indiferença em relação aos acontecimentos trágicos. Depois da Guerra do Golfo e atualmente com as investidas militares do Norte no Afeganistão, a morte cedeu lugar a pirotecnia da imagem, como se não houvesse mais dor ou sofrimento. Pouco resta senão tornar consciente estes atos de barbárie. No ensaio *Educação após Auschwitz*, Adorno (1995) enfatiza que é fundamental para a emancipação humana, numa perspectiva realmente educativa, a revelação dos mecanismos que tornam tolerável o uso da técnica para gerar a regressão.

A repetição não deve ser localizada apenas nos temas focados e no isolamento de uma imagem significativa, o que torna possível separar fatos de seus contextos e das causas estruturais, históricas. Em geral, se repetem também nas normas de produção e nas condições de recepção associadas ao distanciamento e à impessoalidade. A estetização da violência, como algo aparentemente naturalizado, decorre essencialmente de um duplo movimento: dos conteúdos selecionados pelos *mass media* e pela forma como se estrutura a mensagem em conformidade com a linguagem e potencialidades do meio.

Conforme se depreende da leitura de Marcondes Filho (1996: 215), que se fundamenta em Paul Virilio, formas de violência simbólica e acomodação ao choque também decorrem das condições associadas ao deslocamento como característica geral do sistema pós-industrial. Os tentáculos do poder político adquirem a imaterialidade na



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

velocidade como vetor de uma época que conecta todos a um sistema de produção e de uma cultura hegemônica, mas que alimenta o hedonismo e a dificuldade de pensar com distanciamento em meio à transitoriedade dos apelos sensoriais provocados pelas mercadorias simbólicas que circulam e desaparecem.

Não se trata apenas de mercadorias que se tornam obsoletas, relações de troca intensificadas pela causa do consumo ou da dimensão da economia psíquica prejudicada em função da subversão entre ser e ter. Mas, da configuração de uma forma de violência inconsciente e que se expressa pelo tempo industrial de produção da mensagem nos *mass media*. O que as novas tecnologias empreendem é o refluxo do distanciamento, já que tudo tem que se tornar visível imediatamente. Essa condição associada ao prazer e a justaposição de emoções conduz à *estetização cultural da violência*.

A velocidade como se dá a passagem de uma informação à outra num telejornal, a compressão interna de montagem e edição de cada reportagem em relação à temporalidade em curso dos acontecimentos, acrescidas de sua recepção difusa e distante, já demonstram a impossibilidade do universo mediático escapar das amarras da violência em sua estrutura. De forma sutil, a “exaltação pela novidade” e a não permanência de uma notícia, segundo Arbex (2001: 89), compromete a reflexão e cria uma “amnésia permanente”.

3.3. Distanciamento e Fluxos de Informação

A questão do distanciamento do receptor em relação aos fatos e sua capacidade de interferir decisivamente no contexto de onde são destacados, mesmo em tradições ligadas à pesquisa administrada e funcionalista, como em Merton e Lazarsfeld (1990), que criam a expressão *disfunção narcotizante* para identificar o hiato entre ser informado e agir sobre a realidade, faz parte de uma especulação no campo da teoria da comunicação que compete retomar nessa perspectiva de compreender a minimização do choque. A impossibilidade de interação direta com os acontecimentos e o fluxo intenso



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

de informações, que rapidamente torna secundário aquilo que foi destacado como manchete, agem no sentido de tranquilizar a consciência com o exercício da constatação.

A intensidade dos fluxos de informações que cria a sensação atual de desconforto para acessar, selecionar e organizar tudo o que está disponível, ainda mais num contexto de racionalização informativa, que se orienta pelo destaque e supressão de notícias, hierarquização e tempo industrial de produção e circulação, tem recaído numa prática minimalista. Deslocadas da experiência e fincadas no detalhamento como critério para qualificar a mensagem, as informações propendem a abandonar a perspectiva da relevância social e se justificam pelo efeito que provocam. Marcondes Filho (1993:105) esclarece que esta tendência ao minimalismo informacional se verifica também com a redução *dos grandes temas a assuntos de natureza subjetiva, individual ou particular*.

A tolerância em relação ao grotesco e à profusão de imagens espetaculares, nesse contexto atual de transnacionalização da produção econômica e cultural, também se explica pelo processo de desterritorialização que estão submetidos indivíduos e sociedades. A transitoriedade de acontecimentos distantes em meio à condição humana globalizada, no dizer de Soares (1996: 49) produz a indiferença diante da dor, do horror.

4. Educação e Esclarecimento

Há meio século, Horkheimer e Adorno (1986: 19) formulavam a seguinte incongruência: *No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal*. Era evidenciada a fissura entre progresso técnico e barbárie cultural, numa perspectiva de que a lógica formal criou as condições de desencantamento do homem em relação à natureza convertida “em mera objetividade”, mas também da sua autoconservação num processo em que a adaptação à racionalidade instrumental cria as condições para o retorno mítico.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A época atual que alterna possibilidades de esclarecimento e de irracionalidade, não só em função do uso social da técnica, mas de uma exteriorização da subjetividade prejudicada, se vê na condição desafiadora de tornar esses processos mais conscientes. Em relação aos artefatos produzidos pela indústria cultural, uma ação educativa se passa em esclarecer os mecanismos que transformam “cultura” em entretenimento das massas, num universo de apelo sensorial imediato, descontextualizado.

Nas palavras de Horkheimer e Adorno (1986: 38-39):

Compreender o dado enquanto tal, descobrir nos dados não apenas suas relações espaço-temporais abstratas, com as quais se possa então agarrá-las, mas ao contrário pensá-las como a superfície, como aspectos mediatizados do conceito, que só se realizam no desdobramento de seu sentido social, histórico, humano – toda pretensão do conhecimento é abandonada. Ela não consiste no mero perceber, classificar, calcular, mas precisamente na negação determinante de cada dado imediato. Ora, ao invés disso, o formalismo matemático, cujo instrumento é o número, a figura mais abstrata do imediato, mantém o pensamento firmemente preso à mera imediatidade. O factual tem a última palavra, o conhecimento restringe-se à sua repetição, o pensamento transforma-se na mera tautologia.

Eis o sentido educativo imanente a toda proposta educacional que tenha como propósito esclarecer as condições históricas que permitiram *Auschwitz*: desvelar como o pensamento deixou de pensar a si mesmo e instaurou no lugar a inumanidade. Em relação à barbárie estética, que indicamos como uma dimensão



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

que não se realiza apenas no conteúdo, mas sim na forma de produção dos artefatos culturais, é preciso localizar a regressão onde aparentemente está instaurado o fascínio das imagens, o desejo da repetição, a expectativa pela novidade.

Uma condição educativa para o uso social dos meios de comunicação passa pela possibilidade de tornar consciente os mecanismos de condicionamento da sensibilidade humana à racionalidade dominadora. Quando técnica e filosofia se encontram separadas, barbárie se aproxima de civilização, a ciência se justifica por uma lógica que desconsidera a realização humana, torna-se imprescindível à educação acusar a condição não natural desse processo. A educação para a emancipação, no dizer de Adorno (1995: 151), se realiza pela capacidade de fazer experiências que torne a faculdade de pensar algo que não se expressa apenas pelo *conhecimento lógico formal*.

5. Bibliografia

- ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max, *Dialética do Esclarecimento- Fragmentos Filosóficos*, tradução de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985.
- ADORNO, Theodor W., *Teoria Estética*, tradução de Artur Morão. Lisboa (Portugal): Edições 70, 1988.
- ADORNO, Theodor W., *Educação após Auschwitz*, tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- ARBEX JR, José, *Showrnlismo – A Notícia como Espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001.
- BENJAMIN, Walter, *A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica*, tradução de Carlos Nelson Coutinho. In: COSTA LIMA, Luiz, *Teoria da Cultura de Massa*, 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- BENJAMIN, Walter, *Pequena História da Fotografia*, In: *Walter Benjamin – Sociologia*, tradução e organização de Flávio R. Kothe, 2ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1991.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
 XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- COSTA, Belarmino Cesar G. da, *Estética da Violência: Jornalismo e Produção de Sentidos*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1999.
- COSTA, Belarmino Cesar G. da Costa, *Barbárie Estética e Produção Jornalística: A Atualidade do Conceito de Indústria Cultural*. In: Educação & Sociedade, Revista Quadrimestral de Ciência da Educação / Centro de Estudos Educação e Sociedade, no. 76. Campinas: Cedes, 2001.
- DEBORD, Guy, *A Sociedade do Espetáculo*, tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W., *A Indústria Cultural: O Iluminismo como Mistificação das Massas*, trad. de Júlia Elisabeth. In: COSTA LIMA, Luiz (Org.), *Teoria da Cultura de Massa*, 4ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- IANNI, Octávio, *As Teorias da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- LÉVY, Pierre, *As Tecnologias da Inteligência – O Futuro do Pensamento na Era da Informática*, tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- MARCONDES FILHO, Ciro, *Jornalismo Fin-de-Siècle*. São Paulo: Página Aberta, 1993.
- MARCONDES FILHO, Ciro (Org.), *Pensar – Pulsar: Cultura Comunicacional, Tecnologias, Velocidade / Coletivo NTC*. São Paulo: Edições NTC, 1996.
- MERTON, Robert K., LAZARFELD, Paulo F., *Comunicação de Massa, Gosto Popular e a Organização da Ação Social*, trad. de Carmem Dora Guimarães. In: LIMA, Luiz Costa (Org.), *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- MORIN, Edgar, *Cultura de Massas no Século XX - Vol. 1 -*, Neurose, tradução de Maura Ribeiro Sardinha, 8ª. edição (Edição Brasileira de *O Espírito do Tempo*). Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1990.
- PUCCI, Bruno (Org.), *Teoria Crítica e Educação – A Questão da Formação Cultural na Escola de Frankfurt*. Petrópolis, São Carlos: Vozes, Edufiscar, 1995.
- QUÉAU, Philippe, *O Tempo do Virtual*, tradução de Henri Gervaiseau. In: PARENTE, Arlindo (Org.), *Imagem-Máquina: A Era das Tecnologias do Virtual*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- SOARES, Ismar de Oliveira, *Sociedade da Informação ou da Comunicação*. São Paulo: Cidade Nova, 1996.
- SODRÉ, Muniz, *Televisão e Psicanálise*. São Paulo: Editora Ática: 1987.
- VIRILIO, Paul, *Velocidade e Política*, tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade: 1996.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

VIRILIO, Paul, *A Arte do Motor*, tradução de Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade: 1996.